

## **Edifício Santana: o primeiro arranha-céu de Campinas**

Silvia Amaral Palazzi ZAKIA\*, Silvia Amaral Palazzi ZAKIA

\*Arquiteta e urbanista (Puc-Campinas/1987), Especialista em Patrimônio Arquitetônico: teoria e projeto (FAU-Puc-Campinas/1999), Mestre em História do Urbanismo (Ceatec-Puc-Campinas/2004), Doutoranda (FAU-USP) orientada pelo Prof. Dr. Livre Docente Mário Henrique Simão D'Agostino

Rua Monguba, 276 Campinas – SP Cep 13.098-366  
[zakia@uol.com.br](mailto:zakia@uol.com.br) ou [silviapzakia@usp.br](mailto:silviapzakia@usp.br)

## Resumo

O artigo trata da construção do edifício modernista Santana, em 1936, situado em Campinas (SP). Contando com apenas seis pavimentos de altura, o edifício tornou-se um ícone de modernidade, sendo laureado publicamente com o título de primeiro arranha-céu da cidade. Sua construção inaugura o processo de modernização do espaço urbano da cidade, que já vinha sendo delineado através da implantação de um plano de urbanismo elaborado a partir de 1934 com a contratação, pela prefeitura do município, do urbanista Prestes Maia. O edifício foi projetado e construído pelo engenheiro civil Lix da Cunha, responsável por um dos mais respeitados escritórios de engenharia da cidade. O edifício de arquitetura asséptica e linguagem estética do *art déco*, projetado com um novo sistema construtivo do concreto armado e dedicado exclusivamente ao uso comercial, estabelece um marco físico e simbólico no processo de transformações pelas quais a cidade passava. A cidade, que da segunda metade do século XIX até princípio do século XX fora importante centro econômico do país e responsável pela produção da maior parte do café exportado, supera os problemas econômicos advindos da crise de 1929 e as sucessivas oscilações do mercado do café, incentivando um processo de industrialização que alteraria por completo a paisagem física da cidade. A imagem de progresso e modernidade que a cidade buscava transmitir estava indubitavelmente aliada à arquitetura do Santana. Ter como endereço comercial o edifício Santana denotava aos profissionais locatários ou proprietários *status* de modernidade. O edifício foi tombado pelo órgão de preservação cultural local, como importante exemplar da arquitetura modernista de Campinas.

**Palavras-Chaves:** arranha-céu, arquitetura modernista, art-déco, Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas.

## Abstract

This article discusses the construction of the modernist building called Santana, in 1936, located in Campinas, 100 km from São Paulo, Brazil. The six-story building became a modern icon, publicly heralded as the first skyscraper in the city. Its construction opened the modernization process in the city's urban space which had already started with the implementation of a plan drawn up by an urbanist hired by the city hall, in 1934. The building was both designed and built by the civil engineer Lix da Cunha, who graduated in 1919 at Rose Polytechnic Institute of Terre-Haute, Indiana, USA. The building, an example of clean architecture, without any ornaments, projected with a new building system of concrete and dedicated exclusively to commercial use, establishes both a physical and a symbolic landmark in the transformation process which the city was undergoing. The city, which had been the main economic center of the country between the second half of the 19<sup>th</sup> century and beginning of 20<sup>th</sup>, was the largest coffee exporter at the time, and having survived the 1929 crash, started the industrialization process which completely altered the physical appearance of the city. The image of progress as well as modernity which the city was trying to transmit was undoubtedly linked to the architecture of the Santana building. Having the building as a commercial address showed a status of modernity at the time. Today the building is protected by the local organ of architectural heritage preservation as a significant model of the modernist architecture of Campinas.

**Keys-words:** skyscraper, modernist architecture, art-déco, Plano de Melhoramentos Urbanos of Campinas.

O edifício Santana, construído em Campinas em 1936, inicia o processo de verticalização da cidade. Situado em uma das principais ruas de comércio da cidade, rua Barão de Jaguara esquina rua César Bierrenbach, a construção de apenas seis pavimentos foi à época laureada publicamente com o título de primeiro arranha-céu de Campinas, expressão cunhada até nos documentos oficiais<sup>1</sup> da prefeitura municipal. Trata-se da primeira construção da cidade que rompe o padrão de três pavimentos, dessa forma sua imagem é associada aos prodígios tecnológicos verticalizados das grandes metrópoles. Seu programa funcional dedicado exclusivamente ao uso comercial era mais um aspecto da instituição da modernidade na cidade. O Santana rapidamente torna-se um valioso ícone no processo de construção imagética da cidade moderna. (figura 1)

## 1. Arranha-céus: ícones modernos

Sabe-se que o termo arranha-céu, tradução de *skycraper*, difundiu-se a partir da Escola de Chicago, no final do século XIX e princípios do XX, como sinônimo de edificação de grande porte de altura. A construção desses edifícios de grande número de pavimentos foi possibilitada pelos avanços tecnológicos que liberavam as alvenarias da estrutura através das ossaturas de concreto armado ou de ferro pré-fabricado e pela disseminação do uso do elevador, que fora inventado, em 1852, por Elisha Otis e aperfeiçoado, em 1880, por W. Von Siemens. Durante a década de 1920, essa nova tipologia arquitetônica, difundida, sobretudo pela Escola de Chicago, caracterizava simbolicamente o progresso industrial das grandes cidades. O arranha-céu<sup>2</sup> torna-se símbolo por excelência da modernidade. A pujança econômica e os avanços tecnológicos da indústria da construção civil identificavam-se com a nova tipologia da arquitetura verticalizada produzida pela latente potência mundial dos Estados Unidos da América.

## 2. Os primeiros arranha-céus do Brasil: edifício Martinelli e edifício A noite

---

<sup>1</sup> “Registrou-se neste exercício a construção pelo engº Lix da Cunha do 1º arranha-céu da cidade. (edifício de concreto armado ainda com 8 pavimentos).” (Relatório dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Campinas, durante o exercício de 1936, 1939, p.53)

<sup>2</sup> Em 1931, é inaugurado o emblemático *Empire State Building*, em Nova York, com 102 andares e 381 metros de altura. Ironicamente, no auge da depressão de 1929, o *Empire State* representava o ápice da modernidade progressista norte-americana. Por mais de quarenta anos ostentou o título de maior edifício do mundo. Sua arquitetura serviu de inspiração para edificações em diversas localidades, inclusive para o projeto do edifício Altino Arantes em São Paulo, construído entre as décadas de 30 e 40.

Os primeiros sinais da tipologia do arranha-céu no Brasil ocorrem no final da década de 1920: quase simultaneamente dois edifícios de mais de cem metros de altura são construídos nas principais cidades do país: Rio de Janeiro e São Paulo. Nesta última, o imigrante italiano Guisepepe Martinelli assume a grande empresa de construir o mais alto prédio da capital paulista, preliminarmente com 14 andares passíveis de um aumento de mais quatro andares, projeto iniciado em 1924 e concluído em 1929; o prédio com seus 105,65 metros de altura simbolizava a ascensão do imigrante pobre.

Com uma linguagem estética eclética, o edifício tornava-se um cartão postal da cidade, ostentado o título de prédio mais alto do mundo construído em concreto armado. No seu programa de uso multifuncional estava incluída a existência de apartamentos residenciais (247), cinema, restaurantes, salões de chá, cassinos, *night clubs*, barbearias, escritórios (960), um hotel e lojas no térreo. O edifício era servido por telefones automáticos e doze elevadores importados da Suíça.<sup>3</sup>

Enquanto São Paulo exibia seu cartão de visitas, os cariocas se orgulhavam do prédio A Noite, projeto dos engenheiros Joseph Gire e Elisiário da Cunha Bahiana. A Noite foi construído também com a técnica do concreto armado pela firma Gusmão, Dourado & Baldassini Ltda, entre 1928 e 1929. Uma massa vertical de 22 pavimentos com 102,80 metros de altura em estilo *art déco* era o primeiro arranha-céu da capital do país. Ignorando o Martinelli, uma publicação carioca de 1929 reivindicava para o prédio A Noite o título de maior edifício em concreto armado do mundo. Disputas em torno dessa questão<sup>4</sup> parecem ser relevantes quando se tratava da imagem progressista que grandes cidades almejavam transparecer, assim a construção de prédios altos interessava também ao poder público, como pode ser constatado no caso paulista.

Campinas, em 1936, desejando equiparar-se às grandes cidades progressistas, festeja a construção de seu modesto arranha-céu de concreto armado. Pode parecer inapropriada a denominação de arranha-céu para uma edificação de somente seis pavimentos, mas sob um olhar mais acurado desvela-se um contexto no qual o Edifício Santana inaugura um processo de modernização do espaço urbano, que já vinha sendo delineado através da implantação do plano de urbanismo de Prestes Maia, e de consolidação de uma nova imagem de cidade desvinculada da tradição agrária: uma cidade que se industrializava.

Uma das ferramentas técnicas necessárias para implantação do plano era a elaboração, em 1934, de um código de obras para Campinas, que ficou a cargo de uma comissão

---

<sup>3</sup> Mais dados sobre o edifício, como área construída, por exemplo, vide: (HOMEM, 1984, p. 87)

<sup>4</sup> A questão dos arranha-céus despertava o interesse público nesse primeiro quartel do século XX, chegando inclusive a ser tema de matéria<sup>3</sup> publicada em três edições dominicais do jornal carioca *O País*, em julho de 1928, quando quatro escritórios proeminentes de engenharia da capital são indagados a respeito do assunto: seis perguntas sobre o tema dos arranha-céus foram formuladas aos seguintes profissionais: Lúcio Costa, Cortez & Bruhns e Joseph Gire, Preston e Curtis, Cypriano de Lemos e Archimedes Memoria.

formada por quatro engenheiros: Perseu Leite de Barros, único representante do poder público, Carlos W. Stevenson, Hoche Néger Segurado e Lix da Cunha. Os dois últimos seriam pelos anos seguintes os responsáveis pelos escritórios<sup>5</sup> de engenharia mais operosos da cidade, sendo o escritório de Lix da Cunha responsável pelo projeto e construção do edifício Santana. Lix mantinha também em São Paulo um escritório de engenharia, ambos em sociedade com o engenheiro mecânico Antonio Gouvêa. Importante salientar que o pavimento térreo e a sobreloja do Edifício Santana haviam sido projetados inicialmente pelo colega Hoche Néger Segurado e que posteriormente foi alterado pelo engenheiro Lix da Cunha.

Lix da Cunha e Hoche Néger Segurado partilharam um caminho profissional similar; o primeiro, formado em 1918, cursou Rose Polytechnic Institute, Terre Haute, Indiana nos Estados Unidos da América, e o segundo, formado em 1919, na Escola Politécnica de São Paulo. Em 1922, ambos engenheiros foram trabalhar na capital Rio de Janeiro, instalados na mesma pensão com suas respectivas esposas. Os recém-formados engenheiros puderam vivenciar um mundo mais cosmopolita, diverso da provinciana Campinas para qual retornariam e prosseguiriam suas carreiras bem sucedidas, implantando com saber acadêmico e técnico diferenciado e já alguma experiência profissional, escritórios de engenharia que seriam os responsáveis pela modernização do padrão arquitetônico da cidade.

A partir da entrada em vigor do Código de Construções, as novas edificações erigidas na cidade passam a obedecer aos novos padrões impostos pelo código, que sinalizava para a verticalização acanhada da área central de Campinas. Nas ruas centrais estipuladas pelo Código todos os prédios novos ou sujeitos a reformas deveriam conter no mínimo dois pavimentos. “Artigo 343º - Nenhum prédio poderá ser construído, reconstruído ou reformado, sem ter, no mínimo, dois pavimentos, nas ruas e praças abaixo especificadas”. (Código de Construções, 1934, p. 106)

Induzindo a uma verticalização modesta na zona central da cidade, o artigo 223º estabelecia o limite de altura para os prédios no alinhamento em proporção à largura das ruas:

Largura da rua	Altura do prédio (m)	
9,0 metros	2 vezes a largura da rua	18 metros
Entre 9,0 e 12,0	2,5 vezes a largura da rua	22,50 a 30,0
Acima de 12,0	3 vezes a largura da rua	36,0 metros

(Fonte: Dados obtidos do artigo 223º do Código de Construções de 1934, p.75)

---

<sup>5</sup> Escritório de engenharia Hoche Néger Segurado situado à rua Barreto Leme, 1049. Escritório Técnico de engenharia Gouvea & Cunha situado à rua Gal Osório, 981, em Campinas e à rua Líbero Badaró, 51, em São Paulo.

Para as demais zonas ficou estabelecido o limite máximo de altura de uma vez e meia a largura da rua.

As regras para definição de altura das edificações de Campinas são as mesmas que as estabelecidas em São Paulo pelo Código Arthur Saboya<sup>6</sup>, de 1929.

Ambos códigos apontam para uma solução que liberava a verticalização da zona central, ainda que de forma moderada

Empregando como modelo o Código de Saboya, os engenheiros de Campinas estabelecem um padrão municipal de construção que permitia além da viabilização da implementação do plano de urbanismo o início do processo de verticalização comedida da região central da cidade. A construção do edifício Santana inaugura a trajetória de modernização da paisagem urbana campineira.

Campinas estava sendo redesenhada a partir das demandas de uma outra estrutura econômica, da participação de novos atores políticos no jogo do poder e de mudanças sociais que estabeleciam novos padrões de convívio e de fruição do espaço urbano. Os planos de urbanismo e as figuras míticas dos arranha-céus são por excelência a expressão da modernidade de uma cidade industrial na qual Campinas havia se transformado.

Nesse sentido é possível compreender porque um edifício de apenas seis andares seria considerado um arranha-céu, louvado pela população e pelo poder público. Sua existência na paisagem campineira vem consolidar uma imagem de modernidade sintonizada inclusive com o ideário estabelecido na esfera federal pelo governo de Vargas, que, repleto de jargões, exaltava o Brasil, país do futuro: moderno, progressista e industrializado.

O edifício Santana torna-se um cartão postal da cidade, figurando nas propagandas comerciais ou institucionais. O filme realizado pela Prefeitura, em 1936, para comemorar o centenário de Carlos Gomes é revelador: na busca por uma visão panorâmica da cidade, a câmera se detém por longo período à frente do Santana (onze segundos) e de outros poucos edifícios também modernos, como, por exemplo, a casa projetada por Mario Penteado, em 1934. (oito segundos)

---

<sup>6</sup> “Art. 118 – Nos edifícios construídos no alinhamento das vias públicas da zona Central, a altura será:

- a) no mínimo, de cinco metros;
- b) no máximo, de duas vezes a largura da rua, quando esta for de menos de nove metros;
- c) de duas vezes e meia, quando a largura da rua for de nove a doze metros;
- d) de três vezes, quando a largura da rua for de mais de doze metros”.

Art. 119 – Fora dessa zona, a altura dos edifícios construídos no alinhamento da via pública, será no mínimo, de três metros, sob condição de não servirem para habitação.

Art. “120 – Fora dessa zona a altura dos edifícios construídos no alinhamento das vias públicas será, no máximo, de uma vez e meia a largura da rua.” (Código Arthur Saboya, 1930, p.48)

Portar como endereço comercial o Santana atribuía ao profissional ou ao negócio um *status* de vanguarda e modernidade. A loja de Chapéus Cury, uma das mais prestigiosas indústrias do estado de São Paulo, ocupava o térreo do edifício. No jornal Correio Popular, de 4 de agosto de 1936, um anúncio da chapelaria Cury demonstra o quão oportuno era essa associação. Abaixo desse mesmo anúncio, um dentista participava seu consultório no mesmo prestigiado endereço. (figura 2 e 3)

A publicidade, ferramenta fundamental da modernidade, é amplamente empregada na sedução e convencimento das massas não só para venda de mercadorias como também de idéias e conceitos. Interessante observar como esse recurso foi bastante aplicado no processo de modernização urbana de Campinas: de um lado a associação de imagens de certos objetos, como automóveis, aviões, transatlânticos e arranha-céus com o conceito de moderno e por outro lado através de uma estratégia de persuasão pública para conquistar a adesão da sociedade na realização do projeto urbanístico.

Os dois engenheiros, Prestes Maia e Anhaia Melo, envolvidos na elaboração do plano de urbanismo insistem nessa prática, emprestando inclusive expressões específicas do marketing empresarial como, por exemplo, fazia Anhaia Melo, em suas dissertações a respeito de urbanismo<sup>7</sup>: “*Selling city planning – é o título de uma contribuição de Carl Hunt ao Congresso de urbanismo da Florida, de 1926. E a propaganda para a venda ao grande público dessa mercadoria de escol que é o urbanismo, necessidade premente e inadiável da vida moderna, é feita por todos os meios, pela imprensa, pela tribuna, revistas, cartazes, folhetos, sermões, exposições, cinema, radio, e pelo contacto pessoal principalmente, como estou fazendo aqui.*”(Mello, 1929, p.18)

A adesão e a necessidade de engajamento da sociedade em relação à implantação do plano parecem ser condicionantes de sucesso para a realização da grande empreitada que se pretendia efetivar. Não só foi divulgado um discurso de convencimento com também fora montada toda uma estrutura para veiculação do mesmo, através da criação de comissões cívicas e de fundação de entidades, grêmios e associações profissionais também envolvidas no projeto de modernização espacial da cidade.

A estratégia de convencimento para legitimação do grande projeto modernizador valia-se da publicidade em torno do emprego da própria palavra moderno, da associação do conceito de modernidade a certas imagens, objetos ou atividades e também da linguagem estética da arquitetura - art déco. O importante é ser moderno e a própria palavra moderno, comenta Sevcenko, “*adquire conotações simbólicas que vão do exótico ao mágico, passando pelo revolucionário. Assim como os talismãs são objetos-fetiches, assim também a palavra moderno se torna algo como uma palavra-fetice que, quando agregada a um objeto, o introduz num universo de evocações e reverberações*

---

<sup>7</sup> “Em matéria de urbanismo, para Anhaia Mello, o segredo não era a alma do negócio, mas, sim, a ampla publicidade, “porque ninguém tem mais direito de conhecer antecipadamente os detalhes do negócio do que o capitalista, que é o público.” (Somekh, 1997, p.45)

*prodigiosas, muito para além e para acima do cotidiano de homens e mulheres. (...) Não há limite para o seu uso e, embora na sua raiz, ela comporte um mero registro temporal, na semântica publicitária ela capitaliza as melhores energias da imaginação e se traduz, por si só, no mais sólido predicado ético em meio à vasta expectativa por uma vida melhor.”* (grifo do autor) (1992, p. 227-228)

### 3. A construção do prédio Santana

Em 1929, o terreno onde foi construído o edifício Santana pelo escritório técnico de engenharia Gouvea & Cunha para o cliente Severiano do Amaral Campos, já havia sido objeto de estudo para um projeto também comercial realizado pelo engenheiro Segurado para os proprietários originais do lote, família Souza Queiroz - Elmira de Souza Queiroz, que não foi erigido<sup>8</sup>.

Um outro projeto foi desenvolvido pelo mesmo engenheiro e para o mesmo cliente, o projeto nº46, do qual só foi encontrado uma perspectiva que apresenta um edifício comercial de quatro pavimentos, já empregando a linguagem estética própria do art déco. (Figura 4)

As plantas do edifício Santana desenvolvidas no projeto de Lix da Cunha apresentam uma variação estética na parte térrea voltada para a rua Cesar Bierrenbach que indica ser esta porção da edificação remanescente do projeto de Segurado<sup>9</sup>.

A edificação<sup>10</sup> apresentava uma solução vertical para um programa exclusivamente comercial: no térreo estão dispostas sete lojas, na sobreloja, dezoito salas comerciais e nos cinco pavimentos superiores seis salas por andar. O acesso ao andares superiores era possibilitado pelo uso de um elevador da marca Atlas<sup>11</sup>. O pavimento térreo e a

---

<sup>8</sup> O projeto do escritório de Segurado de nº42 foi desenvolvido em setembro de 1929, trata-se do Palacete Souza Queiroz, uma construção em estilo eclético de dois pavimentos ocupando 1566,00m<sup>2</sup>. O térreo comportaria, se construído sete lojas e os dois pavimentos superiores dezessete salas comerciais cada.

<sup>9</sup> O protocolo nº4617 de 01/08/1935, assinado pela firma Gouvea & Cunha, pede a aprovação de demolição de construção no lote onde seria então edificado o Santana. “*Os abaixo assignados, engenheiros architectos, vem requerer a V. Excia mandar a Directoria de Obras e Viacção expedir o alvará para a demolição do prédio sito à rua Barão de Jaguará , 1132 e 1338, de propriedade do snr. Severiano do Amaral Campos.*”

<sup>10</sup> O projeto de Gouvêa & Cunha para o cliente Severiano do Amaral Campos foi realizado em 14 de agosto de 1935, cinco dias depois um novo protocolo fôra encaminhado à Diretoria de Obras e Viacção da prefeitura requerendo sua aprovação. O alvará de construção foi expedido em 12 de setembro de 1935 e o *habite-se* foi concedido em 07 de julho de 1936.

<sup>11</sup> Elevadores Atlas – em 1918, uma pequena oficina situada em São Paulo, no bairro Canindé, é responsável pela instalação e manutenção de elevadores importados. Em 1935, a pequena oficina se transforma em indústria de produtos de alta qualidade e é criada a marca Atlas de elevadores.



sobreloja ocupam praticamente todo o lote, o que se traduz em uma área três vezes maior que a ocupada pela laje do pavimento-tipo. Os cinco pavimentos superiores estão localizados na confluência da principal rua de comércio campineiro, Barão de Jaguara, com rua Cesar Bierrenbach. O pavimento da sobreloja está dividido em dezoito lojas e contém dois banheiros; os pavimentos-tipo estão divididos em seis salas comerciais acessíveis por escada e por elevador e atendidas por dois banheiros. Na cobertura encontra-se a caixa d'água. A entrada despreziosa do edifício se encontra na rua barão de Jaguara, uma porta dupla de madeira com vidros bizotados dá acesso ao simples e funcional hall do elevador. As paredes externas do andar térreo foram revestidas de granito polido até a altura de 1,5 metros, uma maneira de conciliar praticidade e enobrecimento da fachada. Se o primeiro aspecto atende a um receituário pragmático e moderno, o segundo, ainda está vinculado a uma postura projetual mais conservadora. Mas, ao que parece em relação ao conjunto total da obra prevalecem as escolhas funcionais, técnicas e econômicas, não há excessos de acabamentos, a opção foi por uma estética asséptica.

Com uma linguagem estética desprovida de ornamentações e empregando materiais de acabamento sem sofisticação, mas de qualidade, a edificação se sobressaía na paisagem pelo porte e pelo interessante jogo volumétrico proporcionado pela alternância de saliências e reentrâncias produzidas pelas sacadas. Apesar do emprego do inovador sistema construtivo do concreto armado, a distribuição dos espaços internos vinculava as paredes divisórias e de vedação à localização dos pilares e vigas. A cobertura também mantém a solução tradicional de telhas de barro e estrutura de madeira. (Figura 6)

Todos os cálculos do projeto estrutural acompanham o projeto arquitetônico, ambos desenvolvidos pelo engenheiro Lix da Cunha<sup>12</sup>.

Em síntese, o edifício Santana<sup>13</sup>, construído pelo escritório técnico de engenharia Gouvêa & Cunha, sob encomenda do empresário Severiano do Amaral Campos,

---

([www.atlas.schidler.com](http://www.atlas.schidler.com) – acessado em 23/06/2010). Sobre elevadores em São Paulo, vide também: Somekh, 1997, p.73.

<sup>12</sup> Por conta desse projeto Lix da Cunha recebeu, em 1968, o primeiro título honorífico de doutor em engenharia concedido a um estrangeiro pela instituição Rose Polytechnic Institute. Desde a fundação da instituição, em 1871, até esse momento, somente 32 ex-alunos tinham recebido títulos semelhantes.

<sup>13</sup> Segundo o memorial descritivo apresentado à prefeitura pelo escritório de engenharia Gouvêa & Cunha, o edifício seria construído de acordo com as seguintes especificações: estrutura de concreto armado (fundações, colunas, vigas e lajes); paredes de alvenaria de tijolos; revestimento externo: argamassa de cimento raspado; cobertura: estrutura de madeira, telhas de barros tipo francesa, calhas e condutores de ferro galvanizado nº 24; piso: tacos de madeira (*parquet* paulista) de peroba rosa nas salas comerciais; corredores e WCs: piso com ladrilhos tipo “ceramit”, paredes revestidas até altura de 1,50m de azulejos importados brancos; escadas: concreto armado revestido de mármore branco nacional, balaustrada de ferro, corrimão de madeira, soleiras de mármore branco nacional; portas internas: madeira

inaugura o processo de modernização do espaço urbano de Campinas. Com um programa funcional exclusivamente comercial e adotando uma linguagem estética que valorizava o jogo volumétrico em detrimento da aplicação de elementos decorativos ornamentais, o edifício simbolizava um ideário de modernidade vinculado ao progresso industrial que se consolidava juntamente com a implantação do plano de urbanismo.

O Santana foi tombado recentemente pelo órgão de preservação municipal, Condepacc<sup>14</sup>, como um importante testemunho do início do processo de verticalização de Campinas.



Figura 1 – Prédio Sant'Anna, projeto e construção do escritório técnico do engenheiro Lix da Cunha, projeto nº 182, 1936.

---

cedro; porta de entrada: com vidros bizotados; fachada revestida de granito polido até a altura de 1,50m (granito artificial); elevador Atlas: lotação para nove passageiros.

<sup>14</sup> Conselho de Defesa do Patrimônio Arquitetônico e Cultural de Campinas.

(Fonte: Museu da Imagem e do Som de Campinas)



Figura 2 – propagandas vinculadas à imagem moderna no prédio Santana  
(Fonte: jornal *Correio Popular*, de 04 de agosto de 1936.)



Figura 3- Propaganda comercial publicada no jornal *Correio Popular*, com imagem do edifício Santana à direita.  
(Fonte: jornal *Correio Popular*, 03 set. 1939)



Figura 4 – Perspectiva do projeto do Prédio Sant' Anna, autoria de Segurado.  
(fonte: acervo particular do escritório H. N. Segurado)

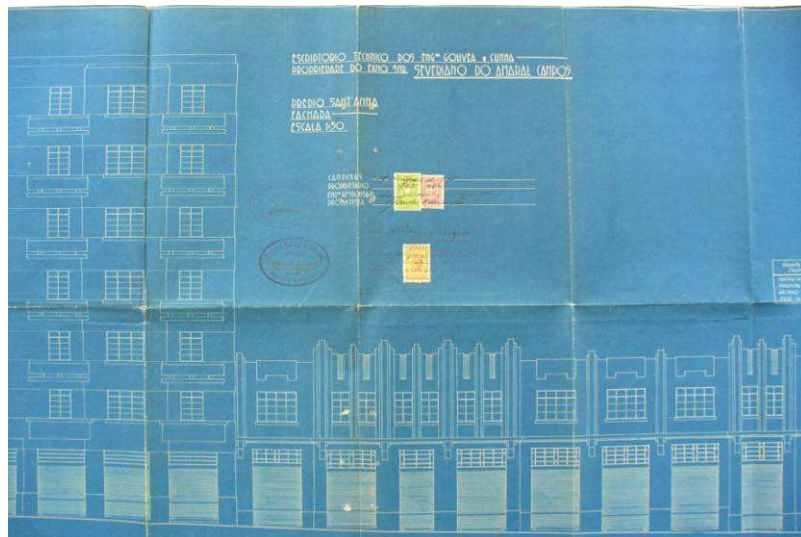


Figura 5 - Folha nº3 do projeto nº 182 de Gouvea & Cunha – elevação do edifício Santana voltada para rua César Bierrenbach, observar diferença de linguagem estética da loja e sobre-loja, que eram parte da edificação existente anterior ao projeto de Lix da Cunha para o Santana. Semelhança com a perspectiva de Segurado, figura 4.  
(fonte: arquivo Municipal de Campinas)

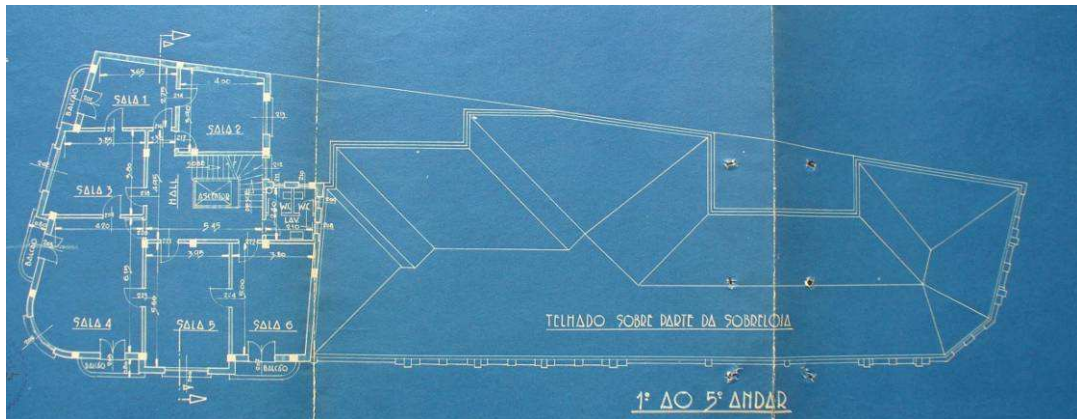


Figura 6 - Planta do pavimento-tipo, projeto nº182 de Gouvea & Cunha. Edifício Santana  
(Fonte: Arquivo Municipal de Campinas)

### Fontes primárias e Referências Bibliográficas:

Correio Popular (1936). “Será installada hoje a Camara Municipal”. Campinas, 17 jul. 1936.

*Código de Obras Arthur Saboya da Prefeitura Municipal de São Paulo*. São Paulo: Sociedade Technica & Commercial Ltda, 1930.

*Código de Construções Prefeitura Municipal de Campinas*. Campinas: Typografia da Casa Genoud, 1935.

*Relatórios dos Trabalhos realizados pela Prefeitura de Campinas durante o exercício de 1934 apresentado ao Conselho Consultivo desta Cidade e ao Departamento de Administração Municipal pelo prefeito José Pires Neto*. Campinas: Linotypia da Casa Genoud, 1936.

*Relatórios dos Trabalhos realizados pela Prefeitura de Campinas durante o exercício de 1936 apresentado à Câmara Municipal desta cidade pelo prefeito João Alves dos Santos*. Campinas: Linotypia da Casa Genoud, 1939.

Campos, Candido Malta. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

Homem, Maria Cecília Naclério. *O prédio Martinelli: a ascensão do imigrante e a verticalização de São Paulo*. São Paulo: Projeto, 1984.

Leonídio, Otávio. *Carradas de razões: Lúcio Costa e a arquitetura moderna brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2007.

**9º seminário docomomo brasil**  
interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente  
brasil . junho de 2011 . [www.docomomobsb.org](http://www.docomomobsb.org)

Mello, Luiz de Anhaia. *Problemas de urbanismo: bases para a resolução do problema tecnico*. São Paulo: Instituto de Engenharia de São Paulo, 1929.

Somekh, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1997.